

O CONTEXTO E O ESPAÇO DA MISSÃO RELIGIOSA DOS PADRES DE SANTO ANTÔNIO EM JOANES, ILHA DE MARAJÓ – UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO

PAULO ROBERTO DO CANTO LOPES¹

A presente pesquisa que resultou em nossa Dissertação de Mestrado, intitulada “A Colonização Portuguesa da Ilha de Marajó: Espaço e Contexto Arqueológico-Histórico na Missão Religiosa de Joanes” (CANTO LOPES, 1999), teve como objetivo principal compreender como o impacto da colonização portuguesa modificou o modo de vida do indígena e como os portugueses através do contato reagiram frente às inevitáveis trocas culturais.

Essa pesquisa foi realizada no atual Distrito de Joanes, que está localizado na porção leste da ilha de Marajó e pertence politicamente ao município de Salvaterra (IBGE, 1980 – 1982). O acesso de Belém para Joanes é feito através de transporte fluvio-rodoviário, até o porto de Camará. Posteriormente, utiliza-se a Rodovia Estadual Cachoeira do Arari – Salvaterra (PA-154) e a Rodovia Municipal Alcindo Cacela (COSTA NETO, 1986).

Esse trabalho foi o primeiro estudo sistemático relacionado a sítios missionários na ilha de Marajó, tornando-se o ponto de partida para a localização e o registro de outros sítios arqueológicos de missões espalhados pela costa leste da Ilha e áreas adjacentes.

Nesse estudo de caso, acabamos por trabalhar com uma amostra da cultura material bastante limitada, por provir somente de uma pequena área de atividade do sítio, identificada como área de descarte e estar bastante fragmentada. Esta amostra, relacionada a documentos históricos e a prospecções, aca-

bou por nos proporcionar a identificação de três momentos históricos distintos na ocupação humana em Joanes que imprimiram ao espaço fisiográfico suas características geopolíticas e econômicas específicas.

O primeiro foi o assentamento indígena que estava estabelecido no local antes da chegada do europeu; o segundo foi a partir da colonização da ilha de Marajó, na qual foi firmado o contato entre indígenas que habitavam Joanes, os padres e os militares que fundaram a missão religiosa de Santo Antônio e o terceiro foi a transformação dessa aldeia em Vila de Monforte, onde um corpo administrativo criado através do Diretório passou a administrar a Vila, no ano de 1755.

A missão religiosa de Joanes foi organizada pelos padres Franciscanos – com a chegada efetiva dos missionários Jesuítas (1653) eles perderam o controle do povoado voltando a administrá-lo a partir da repartição dos povoados missionários entre as ordens religiosas (1693) – sobre o assentamento indígena, permitindo a este estudo de caso a análise integrada entre pré-história e a história, na medida em que entendemos que a separação destes dois campos do conhecimento, causaria uma interpretação parcial ao estudo da arqueologia de contato, em Joanes.

A ALDEIA DE JOANES NO CONTEXTO DO CONTATO

As missões religiosas na Amazônia tiveram um papel fundamental para a consolidação da conquista portuguesa na região. O período a que chamamos contato se estende muito além das primeiras incursões portuguesas no rio Amazonas e seus principais afluentes. Sendo que a colonização portuguesa na região teve que ser implementada sob o risco de perda do território, por parte da coroa portuguesa, para as outras nações européias (Holanda, França, Inglaterra e Irlanda) que mantinham um intenso comércio com os indígenas (MEGGERS & EVANS, 1957; BETENDORF, 1990; REIS, 1997).

Através da organização dos indígenas em missões religiosas, os missionários tentaram homogeneizar as diferenças culturais, utilizando-se de alguns mecanismos como a imposição de valores europeus, o uso de uma língua geral, enfraquecimento do poder dos xamãs e mudanças de hábitos e costumes revestidos em práticas próprias do catolicismo (CANTO LOPES, 1999).

O contato entre indígenas e a sociedade européia causou mudanças culturais complexas e irreversíveis, tanto para as sociedades indígenas como para as européias. Entretanto, as sociedades indígenas sofreram um impacto maior do que a européia. Os indígenas, devido às suas diferenças culturais, foram

tidos como inferiores e selvagens, o que justificava, em parte, a sua utilização como mão-de-obra escrava (op. cit.).

LEVANTAMENTO CONTEXTUAL E ESPACIAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE JOANES

O salvamento arqueológico feito em Joanes em 1986, foi realizado em caráter de urgência, devido ao fato de terem sido encontrados e coletados material arqueológico, proveniente de buracos escavados para as construções e instalações sanitárias da antiga Escola Reunida Ruth Passarinho (COSTA NETO, 1986).

Uma equipe de arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi foi acionada pela Prefeitura de Salvaterra, e ao chegarem no local, perceberam que os trabalhadores da obra não tinham interrompido os serviços.

A equipe fez a coleta do restante do material proveniente dos buracos escavados pelos operários e fez posteriormente, um poço teste nas proximidades dos mesmos, de onde foram retiradas uma pequena amostra de material arqueológico, que continham cerâmica indígena, cerâmica cabocla, cerâmica de torno, faiança portuguesa, louça, metais e ossos (op. cit.). Nesse momento as estruturas arquitetônicas não foram registradas.

Através das prospecções arqueológicas, da análise da cultura material, das análises de fontes documentais, da iconografia e de mapas, conseguimos perceber que o espaço arqueológico e a sociedade de Joanes modificaram-se historicamente.

O espaço interno e o espaço externo do sítio arqueológico foram reorganizados, sendo que internamente, se dá a modificação da malha urbana e externamente há uma contínua e organizada exploração da área rural, possibilitando o desenvolvimento econômico da aldeia de Joanes, através do estabelecimento de um comércio regular dos produtos agrícolas, pesqueiros e extrativistas, entre a aldeia e a capital Paraense, ao mesmo tempo em que a aldeia recebia produtos manufaturados vindos da Europa (CANTO LOPES, 1999).

Este estudo teve dois pontos importantes de análise, os quais basearam-se na perspectiva arqueológica (SENATORE & ZARANKIN, 1996), sendo que o primeiro foi a identificação das trocas culturais e da propagação do poder do Estado Português e da Igreja Católica, frente às diferentes culturas indígenas da região de desembocadura do rio Amazonas, verificada através de documentação histórica.

O segundo foi de crucial importância para o desenvolvimento da pesquisa arqueológica, que foram os trabalhos de laboratório através da análise da cultura material deixada pelos indígenas, missionários e militares e as prospecções em campo.

Essa análise cultural relacionada a análise documental, levou-nos a perceber que os missionários, colonos e militares, tiveram um papel fundamental na desarticulação das comunidades indígenas da área, na propagação dos valores, das crenças, das epidemias e das instituições européias entre os indígenas, ao mesmo tempo em que receberam elementos da cultura indígena no seu cotidiano.

Esses europeus tiveram provavelmente acesso ao modo de vida tradicional dos indígenas, observando a produção, a utilização dos objetos no cotidiano, se adaptando a uma nova dieta alimentar proveniente da pesca, da caça e das frutas e residindo em moradias de palha feitas pelos indígenas.

Os documentos escritos por exemplo, demonstram que até a primeira metade do século XVIII, todas as casas da aldeia eram cobertas de palha, a única exceção era a igreja do Rosário, que começava a ser construída em alvenaria de pedra e tijoleira. Através dos documentos notamos também que a pesca, a caça, o extrativismo vegetal e a agricultura ainda eram preservadas nos moldes tradicionais indígenas durante todo o século XVIII.

Já os objetos da cultura material como a cerâmica indígena, possibilitaram perceber que a sociedade de Joanes teve acesso a certos padrões cerâmicos procedentes dos campos centrais e da área de floresta tropical na parte oeste da Ilha de Marajó e também dos padrões cerâmicos dos povos denominados Aruãs, vindo do norte da Ilha de Marajó ou das Ilhas vizinhas Caviana e Mexiana ou do Sudeste do Amapá.

Apesar de não termos datação absoluta para o assentamento pré-histórico em Joanes, esses dados arqueológicos puderam ser comprovados mediante análise sistemática, desenhos das formas e comparação entre a cerâmica indígena exumada do sítio arqueológico de Joanes em 1986 e os padrões cerâmicos pesquisados por Betty Meggers e Cliford Evans (1957) em Marajó.

As faianças portuguesas e as louças do século XVIII, demonstram que a população branca que convergiu para Joanes durante e após o domínio dos missionários, possuíam um padrão econômico mediano, pois, essas louças eram de baixo custo. Mesmo as faianças e louças demonstrando uma mudança de comportamento, notamos a persistências de elementos culturais indígenas impressas na cerâmica cabocla e na cerâmica de torno como reflexo do entrelaçamento cultural desses dois modos de vida diferenciados (CANTO LOPES, 1999).

A utilização de metais por sua vez trouxe mudança no tempo despendido ao trabalho, pois os indígenas puderam executar suas tarefas com mais rapidez, utilizando o restante do tempo para as atividades que passaram a ser direcionadas pelos padres (op. cit.).

A análise dos ossos por sua vez demonstram três padrões de subsistência, relativos à caça, à pesca e à criação de animais domésticos, temos o cuidado de esclarecer que a amostragem, mesmo pequena, poderá ser o ponto de partida para os futuros problemas a serem solucionados por escavações (op. cit.).

O trabalho de campo por seu turno possibilitou o mapeamento do sítio, sendo eleito um ponto aleatório no centro da praça, o qual denominou-se de El. Esse ponto foi escolhido por proporcionar uma visão mais geral do sítio arqueológico e facilitar o nosso trabalho. Os postes de iluminação, distribuídos por vários pontos da praça, serviram como piquetes fixos para o nosso mapeamento (op. cit.).

A cota inicial estabelecida no ponto destaque foi de 10.000cm (poste de iluminação em frente às ruínas da igreja de pedra). Com a visada de cada poste formou-se primeiramente um quadrado ao redor da praça, depois plotamos os postes conformados em diagonal que cortavam o interior da praça, ao mesmo tempo em que fazíamos a medição com trenas de 60 metros, do teodolito ao poste e do poste até os quintais ou fachadas das casas dos moradores, no sentido de estabelecer precisão no mapeamento. Através da escala ou mira, diminuía-se os valores a partir da cota inicial para que se estabelecesse a topografia do terreno (op. cit.).

A iconografia deixada por Alexandre Rodrigues Ferreira confrontada com as evidências identificadas nas prospecções, levou-nos a perceber que o desenho feito pelo naturalista estava fora de perspectiva. Portanto, se essa fonte fosse examinada acriticamente, forneceria um quadro totalmente errôneo da disposição das construções na malha urbana de Joanes. Por outro lado, esta iconografia foi de importância vital para o conhecimento da arquitetura da antiga igreja de Joanes, hoje em ruínas (FERREIRA, 1783).

A dimensão do sítio é de aproximadamente 350m de comprimento, estendendo-se das ruínas da igreja de pedra a leste, até o poço 2 a oeste, e a largura é de aproximadamente 250m, estendendo-se das fachadas ou dos quintais das casas ao norte das ruínas da igreja, até as falésias ao sul.

A terra preta arqueológica tem dimensões aproximadas de 150m de comprimento, das ruínas da igreja a leste, até o arco de entrada da praça a oeste, por 200m de largura, das casas ao norte, até o quintal da escola, nas proximidades das falésias ao sul.

Para a delimitação aproximada do sítio pré-histórico, utilizou-se o munsell soil color chats para determinar a coloração de solo, percebendo que a terra preta arqueológica se espalhava por uma grande área plotada em mapa.

Após as amarrações dos postes, plotamos as bases de pedras que apareciam no interior da praça. Em seguida, transportamos o teodolito para a E3, atrás da escola, onde havia sido feito o salvamento em 1986.

Encontra-se erguida no local algumas ruínas da antiga igreja da missão religiosa dos padres de Santo Antônio, através da identificação das estruturas remanescentes da igreja da Missão a partir da E2, constatou-se que o seu tamanho original era de 30,6m de comprimento por 36m de largura. Como a parte superior da torre, ainda permanece erguida, foi possível estimar sua altura original, que deveria ser de cerca de 7m (CANTO LOPES, 1999).

A igreja Matriz atual, construída em 1905 no terreno adjacente ao da igreja da missão e aproveitando parte de sua parede esquerda, à época, provavelmente, já em franco processo de deterioração, ocupa uma área de 20,1m por 11,6m, com altura estimada de 8,8m (op. cit.).

Resta hoje, da igreja de pedra, uma torre que se encontra à direita da fachada da igreja atual, de quem a olha de frente. Ainda resta também parte do que deveria ter sido a parede dos fundos da igreja da Missão. Ela possui dois vãos que sugerem ser uma janela e uma porta.

Registramos também, dois poços tubulares feitos em alvenaria de pedra, que serviam para abastecer com água potável a missão religiosa de Santo Antônio, os poços foram denominados respectivamente de poço 1, o que se localiza além da praça existente em frente à igreja matriz, tendo 2,69m de diâmetro e o poço 2 localizado nas proximidades das falésias a sudoeste, tendo 1,90m de diâmetro (op. cit.).

A partir da prospecção sistemática do entorno ambiental de Joanes, percebemos que a sua paisagem natural apresenta uma fisionomia diversificada com florestas secundária latifoliada, o mangue e o campo (O.E.A., 1974). Essa área no passado poderia ter sido aproveitada como fornecedora de matéria-prima (argila, palha, cordas, pedras, madeiras, cariapé) e recursos alimentares (caranguejo, caça, pesca e frutas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica em Joanes em 1986, foi a primeira tentativa de pesquisa feita em um sítio histórico missionário no Estado do Pará. Talvez, por ter sido realizada em caráter de urgência, não se pode fazer um levanta-

mento exaustivo e sistemático do sítio. Porém, é preciso a partir dessa experiência, perceber que uma intervenção arqueológica deve ser pensada em bases teóricas e metodológicas, onde problemas, hipóteses e objetivos sejam pensados previamente.

Essa pesquisa demasiadamente pontual e restrita, dificultou a visualização e relação das estruturas arqueológicas internas, a percepção da distribuição espacial dos registros arqueológicos no sítio, a relação contextual entre as áreas externas e internas do mesmo, o contexto dos materiais arqueológicos internamente relacionáveis e as relações espaciais e contextuais com outros sítios arqueológicos missionários próximos.

Notamos que o sítio arqueológico PA-JO-46: Joanes, apresentava em seu conjunto, tanto vestígios arqueológicos pré-históricos como históricos da época de contato. Concluimos que os primeiros vestígios, apresentam-se bastante perturbados, devido a dois fatores, o processo aluvial, o qual espalhou a terra preta arqueológica por uma grande área do sítio e as construções em alvenaria dos séculos XVIII, XIX e XX, que reviraram os estratos arqueológicos a partir das escavações dos alicerces das mesmas. É difícil precisar as áreas de atividades internas do sítio pré-histórico apenas com as prospecções arqueológicas, só as escavações poderiam nos ajudar a elucidar com mais precisão essas áreas de atividades cotidianas dos indígenas. Os vestígios históricos, mesmo apresentando um grau avançado de degradação, possui áreas de atividades mais definidas, possibilitando uma melhor interpretação da alteração do modo de vida dos indígenas, através da contextualização dos vestígios.

As áreas internas e externas das ruínas da igreja por exemplo, podem ser escavadas com o intuito de verificar enterramentos, o piso, os vestígios da cobertura, os vãos de parede, o anexo da igreja e o local de depósito do lixo da igreja.

Os alicerces das casas podem ser postos em evidência, para que consigamos perceber as dimensões, os materiais construtivos, a sua disposição na antiga-malha urbana do povoado e no entorno desses alicerces podemos fazer sondagens de 50 x 50cm, com o intuito de localizar os possíveis objetos da cultura material que foram utilizados nos três momentos mais antigos de ocupação.

A missão religiosa dos Padres de Santo Antônio em Joanes, pode ter sido a mais antiga missão religiosa implantada em Marajó, por isso, é imprescindível que se faça mais trabalhos de pesquisa para salvaguardar e adquirir informações a respeito desse sítio arqueológico.

Esse Patrimônio Histórico e Cultural no momento, esta ameaçado pelas intempéries climáticas e pela ação predatória do homem. As estruturas visíveis

como o campanário, as paredes inferiores e os alicerces, das ruínas da igreja de pedra, denominada Nossa Senhora do Rosário, está em eminência de desabar ou serem levados pelas quedas das falésias; o poço 1 serve como depósito de lixo para a comunidade e o poço 2 está interditado devido ao descaso com a limpeza; os alicerces das antigas casas da vila, localizada na atual praça, sofrem com a circulação de automóveis, animais e pessoas, e o sítio pré-histórico esta bastante comprometido pelas construções de casas ao longo do tempo.

¹Pesquisador bolsista der cnpq/mpcg

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BETTENDORFF, Pe. João Felipe. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Coleção Lendo o Pará 5, Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Secretaria de Estado da Cultura, 2 Edição, 1990.
- CANTO LOPES, Paulo Roberto do. *A colonização portuguesa da ilha de Marajó: espaço e contexto arqueológico-histórico na missão religiosa de Joanes*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.
- COSTA NETO, Antônio Nery da. *Prospecção Arqueológica em Joanes, Ilha de Marajó (PA)*. Relatório Inédito, Belém, 1986.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783 - 1792)*. Iconografia (Vila de Monforte, Ilha de Marajó), Geografia - Antropologia, Volume 1, Nº 55, Conselho Federal de Cultura, Indústria Gráfica S. A., Rio de Janeiro, 1971.
- IBGE. Monografias Municipais: Salvaterra. Belém, 1980 - 1982.
- MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. *Archaeological Investigations at the mouth of the Amazon*. *Bulletin of the Bureau of American Emology* 167. Washington, Government Printing Office, 1957.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A conquista espiritual da Amazônia*. 2 Edição Revisada. Editora da Universidade do Amazonas, Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1997.
- O.E.A. MARAJÓ: *Um Estudo sara o seu Desenvolvimento*. Departamento de Desenvolvimento Regional, Estado do Pará, República Federativa do Brasil, Secretaria Geral da Organização dos Estados Americanos, Washington, d. c. 1974.
- SENATORE, M. X. & ZARANKIN, A. *Perspectivas Metodológicas en Arqueologia Historica: Reflexiones sobre la utilizacion de la evidencia documental*. In: *Paginas sobre Hispanoamerica Colonial*, Sociedad y Cultura 3, PRHISCO, Buenos Aires, 1996, p.p. 113-122.